

## **Lampião\*** “As marcas do cangaço 55 anos depois”

\* Fonte: Jornal Diário do Nordeste. Caderno 3. **Antônio Vicelmo**  
Da Sucursal de Juazeiro

*Antônio Pirraça, 98 anos – amigo, coiteiro e depois inimigo morto de Lampião – e Maria Teresa da Penha, 110 anos, lavadeira do bando de Lampião, relembram episódios que marcaram a cena nordestina nos anos do cangaço. Em 28 de julho de 1838, Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros foram mortos pela polícia. Amanhã completa 55 anos da morte de Lampião.*

A saga que o maior cangaceiro que o nordeste brasileiro produziu continua viva até hoje na memória de seu povo. Virgulino Ferreira da Silva, o rei do cangaço, tão temido quanto poderoso por seu empenho, liderança e atrocidades cometidas quando de seu domínio sob a caatinga, ao mesmo tempo em que impregnou o imaginário popular com a febre e rebelia de seu bando, chamou a atenção para estigma que domina toda uma gente miserável que habita a aridez do sertão nordestino.

Antônio da Pirraça é um dos poucos remanescentes desse tempo. Amigo, coiteiro e, mais tarde, inimigo de Lampião, Pirraça acabou se transformando em um retrato vivo das nuances e contradições apresentadas no período de quase duas décadas no primeiro meado deste século, em que se temia tanto o bandido como a própria polícia. Nascido como Antônio Teixeira Leite, atualmente com 98 anos de idade, Antônio Pirraça traz na própria pele o que restou do cangaço.

Testemunha da presença de Virgulino e seus cangaceiros no Cariri, ele foi então uma das peças principais de uma das mais violentas batalhas que se sucederam entre a polícia e o bando de Lampião, o chamado “Fogo de Pirraça”, durante o qual morreu o cangaceiro Sabino. Por força das circunstâncias, Antônio da Pirraça terminou traíndo o velho amigo que tinha acobertado e escondido em diversas ocasiões. E acabou na mira do fuzil de um dos cabras de lampião que havia jurado matá-lo depois que descobriu sua traição. Pirraça sobreviveu ao atentado contra sua vida para contar sua história e deixá-la para a posteridade.

Antônio da Pirraça foi um dos personagens que conquistou sua saga a ferro e fogo, um exemplo também de que as circunstâncias e o meio influenciam de forma determinante algumas vidas. Ele chegou a perder o nome de batismo, ganhando o nome

---

\* Fonte: Jornal Diário do Nordeste. Caderno 3.

da terra onde nasceu, o sítio da Pirraça, localizado entre os municípios de Jati e Brejo Santo.

As ligações de Antônio da Pirraça com Lampião tiveram início em 1926, quando o Padre Cícero Romão Batista mandou que dois primos de Lampião, perseguido pela polícia, recebessem a proteção do cearense em sua fazenda. Dias depois, no mês de março do mesmo ano, Lampião mandou recado de que estaria seguindo para Juazeiro, a convite do Dr. Floro Bartolomeu e, passaria pelo sítio Pirraça.

No dia marcado, Lampião chegou ao sítio com mais de 50 homens. Antônio da Pirraça conta que, na noite anterior, cangaceiros e policiais participavam de um forró na cidade de Jati, numa prova evidente de que havia uma convivência da polícia com o grupo de Lampião.

Antônio da Pirraça lembra que os primeiros grupos de cangaceiros chegaram ao sítio às 8 horas da manhã. Lampião foi um dos últimos a chegar. “Eu não o conhecia, mas quando ele chegou, montado a cavalo, percebi que se tratava de Lampião. Era um homem alto, moreno, educado e calmo, que inspirava confiança. A primeira coisa que fez foi perguntar pelos primos e uma tia sua que morava comigo”.

O coiteiro mandou, na ocasião, matar um boi para alimentar o bando dos cangaceiros. Lampião estava satisfeito porque ia a Juazeiro receber a patente de “Capitão” e se integrar às forças do governo para combater a coluna Prestes. A passagem do rei do cangaço pelo sítio foi o início de uma grande amizade entre ele e Antônio da Pirraça, que acabou se tornando um dos homens de confiança de Lampião, fornecendo até armas de munições ao seu bando.

Entre 1926 e 28, Antônio da Pirraça e Lampião tiveram uma convivência fraterna. Certa vez, ao voltar de Juazeiro onde havia passado para comprar armas e munição para o bando de Lampião – acampado nas proximidades do sítio de Pirraça – o coiteiro chegou e encontrou a polícia dentro de sua casa. Sob o comando do tenente Arlindo Rocha, a polícia conseguiu colocar o guardião do rei do cangaço no canto da parede. “Ou você diz onde está Lampião ou a gente corta a sua cabeça e manda para o Governador.”

Sem alternativa, Antônio da Pirraça aponta o local onde o grupo está acampado. Minutos depois, começava o tiroteio. O relâmpago se misturava com o fogo dos fuzis. Neste momento – diz Antônio da Pirraça – seu coração doeu por ter traído o amigo,

remorso que carrega até hoje: “Lampião era amigo sincero e leal, que não merecia ser traído. Não tinha outra saída, era eu ou o Lampião”.

Quando o dia amanheceu – prossegue – polícia voltou ao local do tiroteio. Encontrou manchas de sangue e os sinais de que Sabino, um dos mais famosos cangaceiros do bando, havia morrido. A informação era de que Sabino havia sido baleado e pediu para ser morto pelos companheiros. O corpo dos cangaceiros nunca chegou a ser encontrado.

Com o desfecho da morte de Sabino, Lampião perdeu a confiança em Antônio da Pirraça e não mais voltou ao Ceará. Inconformado com a traição, prometeu matar o antigo amigo e coiteiro, preparando para isso várias emboscadas. “Em uma das emboscadas, cheguei a ficar na mira de um fuzil. Felizmente, todas elas falharam”.